

O ESTABELECIMENTO E A PRESENÇA DO PROTESTANTISMO EM CUIABÁ (1889-1920): ESPAÇOS, FRONTEIRAS E RELAÇÕES DE PODER

Sergio Ribeiro Santos

RESUMO: Ainda que a fundação de Cuiabá date do período colonial (08/04/1719) e que protestantes tenham podido se estabelecer em território nacional a partir da primeira metade do século XIX, somente no período republicano é que esta presença se fez registrar na capital matogrossense. Este artigo tem por objetivo descrever como se deu esta inserção, as estratégias utilizadas e como os espaços sociais, econômicos e culturais foram disputados e ocupados por uma vertente não católica do cristianismo. A pesquisa realizada sobretudo a partir de um referencial teórico weberiano, tomando as ideias, principalmente as religiosas, como um dos principais elementos para a construção da estrutura social, trabalhou com documentação primária pertencente ao acervo da Igreja Presbiteriana de Cuiabá, periódicos e material bibliográfico.

Palavras-chaves: Protestantismo; Cuiabá; Primeira-República

ABSTRACT: Although the foundation of Cuiabá dates to the colonial period (08/04/1719) and Protestants were able to settle in the national territory from the first half of the 19th century, it was only in the republican period that this presence was registered in the capital of Mato Grosso. This article aims to describe how this insertion came about, the strategies used and how the social, economic, and cultural spaces were disputed and occupied by a non-Catholic branch of Christianity. The research carried out mainly from a Weberian theoretical framework, taking the ideas, mainly the religious ones, as one of the main elements for the construction of the social structure, worked with primary documentation belonging to the collection of the Presbyterian Church of Cuiabá, periodicals, and bibliographic material.

Keywords: Protestantism; Cuiabá; First Republic.

Considerações Iniciais

Para se compreender a construção social e urbana de Cuiabá, deve-se considerar em primeiro lugar que tipo de ocupação foi efetivada na região e com quais objetivos. Resultado das expedições em busca de metais preciosos, os primeiros grupos não indígenas na localidade, oriundos da região sudeste do país, tinham em mente a mineração. Logo, tanto a localização quanto as políticas da Coroa para esse tipo de povoamento marcaram a constituição social e cultural da cidade.

Já em termos religiosos, até o início da República, o catolicismo era a religião oficial do Império, sendo outras crenças permitidas, mas com algumas restrições. Porém, logo após a abertura dos portos para as nações amigas, protestantes passaram a fazer parte da composição



social do país, no entanto, ainda restrito às cidades litorâneas e adjacências. Somente a partir do início do século XX é que as missões protestantes aqui instaladas começaram suas incursões para o interior. Nesse contexto é que se dá a inserção e o estabelecimento do primeiro grupo protestante em Cuiabá. Uma cidade fundada em torno da mineração, fortemente católica, com marcada presença militar e distante dos principais centros comerciais e políticos do Brasil.

O objetivo deste artigo é descrever e analisar como se deu esse processo da chegada do protestantismo na sociedade cuiabana, as estratégias utilizadas para a ocupação dos espaços sociais, políticos e econômicos e que tipo de relação se estabeleceu com o credo dominante à época. Com isso, em alguma medida, espera-se contribuir para a compreensão da sociedade cuiabana atual, uma vez que, nas palavras de Max Weber, as ideais religiosas estão entre os principais elementos formadores do *ethos* de um povo.

Primeiros registros

Ainda que de modo impreciso, os primeiros registros da presença do protestantismo em Cuiabá data do início da Primeira República. Lenine Póvoas, em sua *História Geral de Mato Grosso* (1996, p. 100) se refere ao ano de 1891, o que é confirmado pelo *Boletim Informativo da Igreja Presbiteriana de Cuiabá*, número 1189, de 14 de outubro de 1990. Por sua vez, João Alberto Dias, filho de uma das primeiras famílias evangélicas da cidade, num relato pessoal escrito em 1958 para as comemorações do centenário do presbiterianismo no Brasil, fala em meados de março de 1897. Porém, o que importa observar aqui é que o protestantismo na cidade é de certa forma tardio ao se comparar com outras regiões do país.

Esse trabalho missionário teve início com a vinda para a cidade de John Price, norte-americano, enviado pela Missão Aliança de Porto Alegre (PÓVOAS, 1996, p. 100; DIAS, 1958). Segundo estes relatos, Price rapidamente conquistou simpatizantes devido a sua cultura e gentileza. J. A. Dias faz questão de citar que seus ouvintes eram todos “da melhor sociedade cuiabana”, o que denota que no início o protestantismo em Cuiabá esteve restrito a uma camada social mais elitizada. Afirma também Dias (1958) que o pastor residiu na Rua Barão de Melgaço, onde viria a funcionar o “Centro de Letras”.

Price realizava os cultos em três pontos diferentes da cidade. Um na rua Governador Rondon, próximo à praça Conde de Azambuja; outro nas proximidades da Caixa d’Água Velha e outro, ainda segundo J. A. Dias (1958), “na residência do senhor João da Gama, no lugar denominado Tanque da Enfermaria Militar (onde hoje está a sede do DNER entre as



ruas 13 de Junho e Joaquim Murtinho)”. Póvoas (1996, p. 100) se refere a esse terceiro lugar apenas como bairro do Porto, nas imediações da rua Major Gama.

O jornal *O Debate*, de 10 de janeiro de 1914, traz em seu número 671, a informação de que em 10 de janeiro de 1899, “por iniciativa do Pastor Dr. John W. Price”, foi fundada uma sociedade científica que “recebeu a denominação de Sociedade Internacional de Estudos Científicos”. Póvoas (1996, p. 100) também se refere à fundação desta Sociedade, o que foi feito em parceria com “Estevão de Mendonça e outras personalidades ilustres do mundo social cuiabano”. Ainda segundo o histórico de J. A. Dias, o qual escreve sobre o fato dele mesmo ter ouvido os sermões desse missionário, Price deixou Cuiabá no início de fevereiro de 1899, devido aos problemas de saúde de sua esposa, retornando assim a Porto Alegre.

Curioso é que nesse histórico há a informação de que o trabalho de Price não resultou conversões à nova fé, somente simpatizantes, com exceção de um Manuel Camilo Fernandes. Para essa constatação, pode-se sugerir ao menos três hipóteses: a primeira é que os ouvintes de Price apenas se interessavam pela sua cultura e gentileza; a segunda é que os cuiabanos, num primeiro momento, foram resistentes à pregação protestante, seja pela novidade desta ou por temor a algum tipo de censura, uma vez que o catolicismo já estava totalmente arraigado nas crenças e nos costumes do povo; ou, porque Price não chegou realmente em 1891, e sim em 1897, o que daria pouco tempo ao estabelecimento mais sólido de uma comunidade evangélica. Talvez haja mais plausibilidade nessa última hipótese.

Somente após três anos (DIAS, 1958), já em 1902, chegam a Cuiabá o pastor Frederico Glass e um colportor, o senhor Henrique “de Tal”, os quais passaram a residir na rua Ricardo Franco. Esses missionários eram enviados da Igreja Batista, os quais promoveram uma série de conferências ao ar livre. A realização destas conferências confirma o que foi descrito no capítulo anterior, ou seja, que o ambiente em Cuiabá não era hostil aos protestantes, como o foi em outras partes do país, mesmo já em período republicano. Apesar de uma boa audiência, ainda segundo J. A. Dias (1958), Glass e seu companheiro não permaneceram muito tempo em Cuiabá.

Posteriormente, as atividades evangelísticas foram reassumidas por outros dois missionários enviados pela Igreja Batista, o pastor Camilo Róis, de origem espanhola, e o senhor José Teodoro, paulista e colportor. Também residiram na rua Ricardo Franco, número 11, onde reiniciaram os trabalhos. As reuniões contavam com a assistência de aproximadamente 30 pessoas, o que perdurou até 1905, quando aqueles retornaram para São Paulo. Dessa assistência, após a partida dos evangelistas, apenas dois permaneceram fiéis,



“Marciano de Pinho e Manuel Rodrigues de Souza, vulgo Manucho” (DIAS, 1958), não sendo, porém, acompanhados por suas famílias. Já essa experiência, sim, denota que nem toda simpatia redundaria em conversão ao protestantismo por parte dos cuiabanos.

No ano de 1908, a Igreja Batista Livre de São Paulo, dirigida pelo pastor Raquen, envia Moris Bernard e sua esposa para reassumirem os postos aqui deixados. No entanto, em 1909 a Sra. Bernard vem a falecer, ficando o pastor viúvo com um filho pequeno, o que obriga a sua volta a São Paulo. Desse trabalho mais uma vez não resultaram conversões.

Há de se perguntar se essas poucas conversões expressam o ambiente conflituoso pelo que passava Mato Grosso desde a Proclamação da República ou a resistência por parte dos católicos, liderados por D. Carlos Luís D’amour, bispo de Cuiabá no período. Pois é a este que Virgílio Corrêa Filho (1994, p. 668), credita a resistência ao protestantismo e mesmo a sua retração, contrariando assim os prognósticos de êxito da nova religião.

Contudo, talvez a explicação para a ausência de resultados iniciais esteja mais na metodologia e tipo de trabalho realizado pelos protestantes até o momento, do que propriamente em fatores alheios à própria pregação, uma vez que, a partir do trabalho missionário presbiteriano, sendo este logisticamente amparado e estrategicamente estruturado, combinado com alguns fatores sociais e econômicos, fez com que o protestantismo se estabelecesse definitivamente em Cuiabá.

J. A. Dias escreve em seu memorial que em 1913 chegou “acidentalmente” em Cuiabá o pastor presbiteriano Franklin Graham, enviado da Missão Central do Brasil, acompanhado do seminarista Antônio dos Santos e do tropeiro Marcolino Barreto. No entanto, ainda que para os poucos protestantes que viviam em Cuiabá no início do século XX, a chegada desses missionários pareça acidental, esta não o foi, como se pode perceber pela leitura da Minuta da Reunião da Missão Central do Brasil, realizada entre os dias 14 e 18 de novembro de 1912, em Ponte Nova, na Bahia, base dessa missão. Nessa reunião ficou decidido que:

[...] o Sr. Graham faria uma viagem a Goiás e Mato Grosso durante os anos de 1913 e 1914, devendo partir o quanto antes; que na região deveriam ser escolhidos lugares para a evangelização; que um desses lugares deveria ser para uma escola como a que havia na base em Ponte Nova; que em sua viagem ele se corresponderia com o presidente do Comitê Executivo; [...] que o candidato Antônio dos Santos acompanharia o Sr. Graham recebendo 50\$000 por mês e as despesas de viagem; que o Sr. Graham estava liberado do encontro de 1913 (tradução minha).

Sendo assim, na primeira quinzena de março de 1913, Graham deixa Cateté, na Bahia e dirige-se a Mato Grosso com o seminarista e o tropeiro na condução de nove animais. Numa viagem que durou aproximadamente sete meses, passando cidades, distritos, povoados e



fazendas da Bahia, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, chega finalmente o grupo a Cuiabá em 14 de outubro de 1913 (CABRAL, 2000, pp. 1-3).

No seu trabalho de reconhecimento da região, Graham continua sua viagem visitando outros locais como Rosário d'Oeste, Diamantino, Barra dos Bugres, Vila da Chapada, Fazenda de Buriti, Poconé e São Luiz de Cáceres, chegando até São Roque, nas fronteiras do Brasil com a Bolívia, retornando a Cuiabá no começo de janeiro de 1914 e aí permanecendo até o final do ano (CABRAL, 2000, p. 4). Também é oportuno observar que Graham conheceu em Cuiabá o Sr. Atkinson, vice-cônsul inglês, o qual lhe comentou que estava ansioso para que se estabelecesse na cidade a evangelização presbiteriana (CABRAL, 2000, p. 3).

Conforme Landes (1958, p. 1), no dia 1º de novembro de 1914 foi celebrada a Ceia, sendo realizadas oito profissões de fé, recebidos três membros por jurisdição e batizadas quatro crianças.¹ Segundo as anotações de Dias (1958), no qual nem todos os nomes foram transcritos, aparecem como fazendo a profissão de fé, o próprio João Alberto Dias, Maria Camargo Dias, Olindina Dias Evangelista, Ana da Costa Magalhães, Honorato da Costa Magalhães e Maria José Dias. As crianças batizadas foram Elias de Camargo Dias e David Evangelista.

Nota-se, portanto que, o empreendimento missionário presbiteriano fazia parte de uma estratégia elaborada pela agência missionária norte-americana que tinha a sua base em Ponte Nova, na Bahia. Tanto que, conforme a minuta da reunião dessa Missão, que ocorreu entre 04 e 08 de dezembro de 1914, ela transfere para a Missão Sul do Brasil, também presbiteriana, o campo de trabalho em Mato Grosso, devido ao acesso mais fácil à região para quem vinha do sul do país.

Porém, uma vez que os batistas já haviam realizado trabalhos evangelísticos em Cuiabá anteriormente aos presbiterianos, a Missão Sul do Brasil solicita a “Evangelical Missionary Union” que a evangelização de Cuiabá fique sob sua responsabilidade, o que foi feito (DIAS, 1958). Conclui-se então, mais uma vez, que o empreendimento missionário protestante em Cuiabá em hipótese alguma foi fruto apenas de um espírito aventureiro e amador. Já se contava com pelo menos cinco décadas de experiência de trabalhos missionários em terras brasileiras por parte dos presbiterianos norte-americanos.

¹ A Santa Ceia na Igreja Presbiteriana também é conhecida como Eucaristia. Já a profissão de fé é o ritual em que o crente professa a sua fé numa cerimônia pública, sendo em seguida batizado, quando não o tenha sido na infância. Recebimento por jurisdição é a transferência de um membro de uma Igreja Evangélica para outra. Na Igreja Presbiteriana, as crianças, filhas de pais crentes, também são batizadas. Diferentemente da Igreja Católica que reconhece sete sacramentos, o protestantismo reconhece apenas dois, a Santa Ceia e o Batismo.



Após esse entendimento, chega a Cuiabá, em 15 de agosto de 1915, mais um casal de missionários, Philippe Landes e sua esposa, enviados pela Missão Sul do Brasil, com o propósito de consolidar a fé protestante em terras matogrossenses. Após três anos de trabalho, a Missão envia outro casal, Adan Martin e sua esposa Dna. Natie Martin. O trabalho de Martin era de caráter evangelístico pessoal e voltado, segundo J. A. Dias (1958), aos pobres e enfermos.

Também coube a Martin trabalhar na aquisição de fundos para a construção do templo, que se iniciou em maio de 1921 e que teve o lançamento de sua pedra fundamental em 07 de setembro do mesmo ano, sendo concluído em 24 de dezembro de 1922. A igreja nascente assumiu personalidade civil em 12 de outubro de 1920, tendo os seus estatutos publicados na *Gazeta Oficial*, número 4627, em 30 de outubro de 1920, por iniciativa dos dois missionários que aqui estavam. Constitui-se então, por eleição, a primeira diretoria ou mesa administrativa, como era chamada, com os seguintes membros: Philippe Landes (presidente); Armindo de Matos (secretário); Hygino Monte da Cruz (tesoureiro); João Alberto Dias e Francisco Cezar de Mello.

Observa-se então, que a partir da chegada dos missionários presbiterianos houve todo um processo de consolidação e institucionalização do protestantismo em Cuiabá. Estas ações podem ser notadas na criação de um rol regularmente reconhecido dos membros da nova igreja, na demarcação de uma área de trabalho, na busca de uma personalidade civil, na constituição de uma estrutura mínima em termos administrativos e de uma liderança constituída. Todo esse procedimento certamente demarcaria um espaço social na cidade e deixaria patente que se tratava sim de um novo credo, mas que se encontrava definitivamente estabelecido.

Toda essa metodologia reflete as décadas de experiência de trabalhos evangelísticos em outras regiões do país, bem como a existência de toda uma estrutura coordenada que dava sustentação àqueles que estavam na linha de frente da empreitada. Em outras palavras, os missionários presbiterianos sabiam bem o que estavam fazendo.

Velhos espaços, novos atores

Ao se pesquisar sobre a inserção protestante em Cuiabá no início do século XX, verifica-se que essa se deu com maior expressão entre a elite matogrossense. Algumas peculiaridades desse novo grupo fizeram com que houvesse uma identificação maior com os



setores mais privilegiados em termos econômicos e mais articulados politicamente, do que com a população de modo geral.

Uma das razões que inicialmente se deve observar para essa identificação é o próprio conteúdo da prédica protestante. De teor mais teórico e subjetivo, ela rompe totalmente com as práticas populares católicas, como procissões, pagamento de promessas, festas populares, venerações a santos, enfim, tudo aquilo que faz parte do universo católico. Ainda que o catolicismo vivenciado pela maioria dos cuiabanos não fosse ultramontano, mesmo assim era catolicismo e profundamente arraigado nas práticas e devoções diárias. Cabe lembrar que a pregação evangélica tinha um forte apelo comportamental, com ênfase na moralidade familiar e no combate a determinadas práticas como touradas, jogos lotéricos, bailes e bebidas.

A esse contexto deve ser somado como um dos motivos para essa “elitização”, a própria formação acadêmica de alguns missionários que aqui chegaram. Consta que Price (DIAS, 1958), o primeiro missionário evangélico na cidade, era admirado por sua cultura, sendo que os seus ouvintes eram oriundos da “melhor sociedade cuiabana”, versão essa confirmada por Póvoas (1996, p. 100). Tanto é, que o referido pastor vem a ser um dos fundadores da Sociedade Internacional de Estudos Científicos.

Deve-se também destacar que, em sua maioria, os missionários presbiterianos recebiam todo o seu preparo teológico em Seminários nos Estados Unidos. Caso exemplar é o de Landes (BROWNE, 1988). Nascido em Botucatu, interior de São Paulo, filho de missionários presbiterianos oriundo dos EUA, após estudar na Escola Americana de Curitiba e no Mackenzie College em São Paulo, foi enviado ao país de origem dos seus pais a fim de completar seus estudos em Princeton. Portanto, esse tipo de formação acadêmica certamente diferenciaria esses pastores de grande parte da população e de um bom percentual do clero matogrossense, que possuía em sua instrução, com pouquíssimas exceções, uma de suas fragilidades.

Essa distinção social acima descrita se verifica também na liderança formalmente constituída na primeira igreja evangélica da cidade. Era ela constituída pelo reverendo Adan Martin, os presbíteros João Alberto Dias (empresário) e Armino Francisco de Mattos (português radicado em Cuiabá), e os diáconos José Nonato de Faria (comerciante e jornalista) e Francisco César de Mello (cunhado de João Alberto Dias).

Compõe-se esse pequeno grupo de pessoas que estavam envolvidas com o comércio e com a atividade literária, vindo inclusive um deles, José Nonato de Faria - que além de protestante era maçom (GALVÃO, 2005, p. 7) - a publicar futuramente um jornal, *A Pena*



Evangélica. Quanto ao lusitano Armindo Francisco de Mattos, segundo os livros de atas da Igreja Presbiteriana, exerceu ele a função de secretário da Igreja Presbiteriana até o ano de 1928, para o qual certamente se exigia algum preparo literário. Fica, portanto, evidente, que a própria formação individual dos primeiros protestantes em Cuiabá, fossem eles estrangeiros ou imigrantes radicados na cidade, seria um fator a mais para que a recente igreja não tivesse características tão populares.

A baixa representação numérica pode também ser verificada no próprio desenvolvimento da Igreja Presbiteriana ao longo dos seus primeiros anos. Por ocasião da sua organização formal, em 12 de outubro de 1920, contava apenas com 20 membros, dos quais 11 eram homens e 9 eram mulheres, incluindo-se os missionários (MAGALHÃES, 1998, p. 15). Ao considerar que essa organização se deu cerca de duas décadas após as primeiras incursões protestantes em Cuiabá e que os agentes das missões estrangeiras também foram arrolados como membros, conclui-se que o núcleo protestante inicial era de fato restrito.

O desenvolvimento dessa incipiente comunidade pode ser acompanhado a partir da leitura do livro de *Atas da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuyabá*, onde estão inscritos os nomes dos que eram admitidos como membros na igreja. Na ata de 07 de outubro de 1923, há o registro de cinquenta membros, ou seja, mais do que o dobro de três anos antes. Porém, esse acréscimo justifica-se principalmente com o acréscimo das crianças, pois uma vez batizadas, estas passam a ser contadas como membros, o que eleva consideravelmente os nomes constantes no rol. Contudo, para efeitos civis, somente maiores de idade é que poderiam ser arrolados.

Eventos e monumentos

Somente ao longo das décadas de 1920 e 1930 é que começou a haver um relativo crescimento numérico na membresia da Igreja Presbiteriana, principalmente a partir de crentes oriundos de outros estados que se mudavam para Cuiabá, o que indica uma mudança na própria composição demográfica da cidade. Contudo, ainda que poucos, os primeiros protestantes em Cuiabá foram capazes de construir uma rede de relacionamentos que lhes dava estabilidade social, criando assim condições de se fixarem definitivamente na cidade.

O jornal oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, *O Puritano*, publicado no Rio de Janeiro, em seu número 1127, do dia 20 de outubro de 1921, noticia o lançamento da pedra fundamental do primeiro templo protestante em Cuiabá, fornecendo a relação dos presentes a



esse evento. Merece destaque o fato de que o número de não protestantes a prestigiar o evento talvez tenha sido maior que o próprio número de membros da nova igreja. Traz o jornal:

Cuyabá - Matto grosso - Effectuou-se em Cuyabá no dia 7 de setembro, o lançamento da pedra angular do templo evangélico em construção à rua 13 de Junho desta capital. A parte litúrgica do acto, até então desconhecida naquelle Estado, seguiu-se a assignatura do termo respectivo, lavrado pelo Sr. Armindo Francisco de Mattos, secretario do Presbyteriado. Usando da palavra, proferio o rev. Sr. Phillipe Landes num eloqüente discurso, em que evidenciou o seu elevado sentimento de amor pátrio, relembrando a data festiva da nossa emancipação política, e a solidez da cultura systematisada e orientada por preceitos evangélicos.

Sobre o evento em questão, a primeira observação, a partir dos dados disponibilizados no referido periódico, é a quantidade de militares presentes, onze ao todo. Uma vez que a formação militar no Brasil no fim do século XIX e início do XX tinha fortes conotações positivistas, pode-se entender essa significativa presença fardada ao evento como uma forma de reforçar e apoiar as características laicas e republicanas do Estado, que se expressam, entre outras manifestações, na liberdade de culto. Considerando também que Mato Grosso, por ser uma região de fronteira, ao se receber constantemente tais contingentes, entende-se que estes, por sua vez, certamente contribuíram para a formação do modo de agir e pensar da sociedade local.

Outra presença considerável no evento é a dos doutores. Lembrando que é praxe os profissionais do direito no Brasil serem tratados como tais e que era pequeno o número de médicos na época, presume-se que a maioria desse rol era formada por bacharéis em direito. Sendo, portanto, esse grupo de doutores composto realmente em sua maioria por advogados, se confirma o liberalismo atribuído por Carvalho a essa categoria (2003, p. 36).

A esses militares e doutores, soma-se o apoio dado pela maçonaria, a qual também representava a Liga Matogrossense dos Livre Pensadores. Marcada pelo seu anticlericalismo, foi essa uma ótima oportunidade para se fazer presente em um evento que de certo modo subtraía a influência católica na cidade.

Contudo, chama atenção a conotação política que esse evento, em seu conjunto, acabou assumindo. A data em que se deu o lançamento da pedra fundamental da Igreja Presbiteriana, 07 de setembro de 1921, coincidiu com a fundação por Dom Aquino da Academia Matogrossense de Letras (GAZETTA OFFICIAL, 10 de dezembro de 1921, nº 1744). A criação desta instituição, ao lado do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, fazia parte das comemorações do bicentenário da cidade. Por sua vez, essas



festividades também tinham por objetivo reforçar o discurso propagandístico de modernização da região.

Dentro desse contexto, nota-se certo antagonismo ao se verificar que, enquanto de um lado, o governador bispo criava instituições literárias, do outro, os protestantes podiam ostentar a figura de João Dias, proprietário das primeiras empresas de telefonia e energia elétrica da cidade, evidentemente, grandes marcos de modernidade. Tem-se a impressão, de que o evento, além do objetivo primeiro, serviu para se criar um discurso de quem realmente mais contribuiria para o progresso tão almejado de Cuiabá, se o catolicismo ou o protestantismo.

Em termos políticos, essa foi mais uma ocasião aproveitada pelo grupo opositor ao governo de Dom Aquino para se fazer notar, pois, mais do que simplesmente o apoio oferecido à incipiente comunidade religiosa, serviu esse momento para se reforçar as diferenças políticas.

Pode-se chegar a esse entendimento a partir das seguintes considerações: Inicialmente, ainda que Dom Aquino tenha sido eleito de forma consensual, ao longo de seu mandato formou-se uma oposição política, que com o tempo só foi acirrando-se. Segue também que, a maioria dos que se fizeram presentes ao evento, nunca veio a fazer parte da Igreja Presbiteriana, o que leva a inferir que havia em jogo mais do que interesses religiosos. Tanto que, Rúbens de Mendonça, em seu livro *A sátira política em Mato Grosso*, citado por Lylia Galetti (2000, p. 302), refere-se a esse ambiente político em plenas comemorações do bicentenário pelo qual passava a cidade dizendo que:

[...] nem só de manifestações do orgulho mato-grossense alimentou-se a festa do bicentenário. A oposição ao governo de D. Aquino, então bastante acirrada, levou um grupo de correligionários do PRC a participar das comemorações. Logo cedo, promoveram a distribuição de um jornal intitulado *O Bicentenário*, dedicado especialmente a criticar os festejos. A edição era composta de vários poemas satíricos e alguns artigos que ridicularizavam quase tudo relacionado aos festejos: o hino, o bispo-presidente, os organizadores da festa e até mesmo o homenageado fundador de Cuiabá - o *bandeirante* Paschoal Moreira Cabral. Além disso, voltava a denunciar, como fizera o deputado de Corumbá na Assembleia, os gastos excessivos com as comemorações e satirizava o caráter religioso conferido às festas.

Logo, há de se perguntar quais os interesses existentes naqueles que foram prestigiar o evento em questão. Sem desconsiderar possíveis laços de amizades e simpatias, é perceptível a existência de um componente político simbolicamente explicitado.



Já sobre a localização do terreno em que seria construído o templo presbiteriano e a forma arquitetônica que esse assumiria, algumas considerações são pertinentes. Deve-se observar que, localizado na Rua 13 de Junho, no centro da cidade, o prédio seria edificado a poucos metros da Igreja Matriz e do Palácio do Governo. A julgar pela urbanização da época, o contato entre esses edifícios seria visual.

Inusitado e marcante seria o estilo adotado para a nova construção. O projeto desenvolvido William Alfred Waddel, outro missionário protestante no país e fundador da Escola de Engenharia do Mackenzie, seguiria as mesmas linhas arquitetônicas dos prédios já construídos na referida Faculdade em São Paulo, também por ele projetados. Certamente o novo prédio destoaria das edificações em estilo colonial existentes em Cuiabá. O templo protestante a ser construído teria aspectos mais modernos para a época e contaria com uma torre, o que daria um ar mais imponente à nova igreja (PRIMEIRO LIVRO DE ACTAS DA MEZA ADMINISTRATIVA, 24 de abril de 1921, p. 8).

Disposição empreendedora

A inserção econômica dos protestantes em Cuiabá no início do século XX está totalmente ligada a trajetória empresarial de João Pedro Dias. Por sua vez, essa identificação do protestantismo à pessoa de um empreendedor bem-sucedido, foi e é útil para um considerável aumento na autoestima e afirmação social, tanto dos protestantes da época como das gerações subsequentes. Levando-se em conta que os evangélicos no Brasil sempre foram minoria em comparação com a grande massa católica, ícones como esses, são importantes para uma reafirmação e valorização da identidade.

Quanto a sua trajetória pessoal, João Pedro Dias nasceu em 15 de junho de 1867 na cidade de Aracati, no Ceará e faleceu em 04 de janeiro de 1930, em Cuiabá, aos 62 anos de idade. Adquiriu experiência no ramo elétrico ao trabalhar na empresa de luz e força daquele estado nordestino, posteriormente mudando-se para Olinda em Recife, onde veio a se casar com Maria de Melo, filha de um navegante português, em 1887, aos 20 anos de idade. Aos 32 anos, muda-se para Cuiabá com a família em 1899.

Ao chegarem à capital matogrossense, a família morou tanto na região do São Gonçalo quanto no centro da cidade. De espírito empreendedor e atento às oportunidades locais, soube aliar o seu conhecimento profissional adquirido anteriormente à demanda cuiabana e, mesmo com poucos recursos financeiros no início, conseguiu ao longo de três décadas inserir-se na vida econômica e social local. Toda a trajetória de João Dias torna-se ainda mais interessante



se for destacado o fato de que se tratava de um retirante nordestino, sem vínculos familiares na região e numa época em que as influências oligárquicas locais eram intensas, tanto na economia quanto na política.

Rúbens de Mendonça, num periódico de 1973, faz um esboço da trajetória empresarial de João Dias em Cuiabá, transcrevendo uma carta elogiosa do Senador Villas-Boas ao empresário. Nela, Dias é apresentado como um homem dinâmico, inteligente e empreendedor. Esse espírito e essa habilidade podem ser exemplificados no modo como ganhava dinheiro após sua chegada à cidade. Na mudança para a capital, trouxe consigo um fonógrafo que funcionava com músicas gravadas em cilindros feitos com cera de carnaúba, cuja audição se fazia por meio de fones ligados ao aparelho.

Percebendo o potencial e a singularidade do seu aparelho na região, ele passou a utilizá-lo para animar festas na cidade, nas vilas e povoados vizinhos, recebendo duzentos réis por audição. Ainda segundo Rúbens de Mendonça (1973), a economia desse dinheiro mais o empréstimo de cinco contos de réis feito junto a Amarílio de Almeida, da casa comercial Almeida & Companhia, conseguido após muita insistência no assunto, constituiu-se no capital necessário para se adquirir o equipamento que seria a primeira empresa telefônica em Cuiabá (figura 5). Outra iniciativa de João Dias, que demonstra o quanto ele estava totalmente inserido no ambiente de modernização e progresso divulgado no Estado, é a publicação de seu empreendimento no Álbum Gráfico de Mato Grosso, material propagandístico da região, tanto em outras localidades do país como fora deste também. Essa empresa, inaugurada no dia 30 de junho de 1909, contava com 22 aparelhos e uma lista de assinantes. Dos 22, metade é de comerciantes, 1 é o cônsul alemão 3 ligados ao Governo. Tal seleção supõe uma ambientação de João Dias maior entre os comerciantes do que no meio político.

Outro empreendimento muito significativo de João Dias foi a criação da primeira empresa de energia elétrica da cidade, inaugurada em 15 de agosto de 1919. Observa-se, porém, que esse era um anseio antigo da população local, inclusive constando em projetos do executivo estadual há alguns anos. Na mensagem dirigida à Assembleia Legislativa pelo vice-presidente do Estado em exercício, Cel. Pedro Celestino Corrêa da Costa (1909, p. 16) há a menção da lei 438 de 1905 em que foi concedido a Antonio Vieira de Almeida o privilégio de, por setenta anos, fornecer a luz elétrica, força motriz e água na cidade. Porém, ao se expirar o prazo estipulado no contrato, veio este a caducar.

Já durante o governo de Joaquim Augusto da Costa Marques, fora publicado um edital de concorrência, tanto em Cuiabá quanto no Rio de Janeiro e São Paulo, para a execução dos



serviços de abastecimento de água, rede de esgotos e iluminação (MENSAGEM DIRIGIDA À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, 1912, p. 49).

Porém, foi durante o governo de Dom Aquino que finalmente a iluminação pública foi inaugurada na cidade e isso pelo empreendedorismo de João Dias. Em sua mensagem à Assembleia Legislativa em setembro de 1919, fica evidente a euforia do Presidente, principalmente porque tal inauguração se deu exatamente durante os festejos do bicentenário de Cuiabá. Ao tratar do assunto, o bispo afirma que “a iluminação publica nesta Capital, abandonada ultimamente á completa escuridão, era um dos serviços que mais reclamavam prompta e radical reforma” (MENSAGEM Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, 1919, p. 87).

Após fazer um minucioso relato das dificuldades em se implantar o sistema de iluminação pública, pois o Estado já havia firmado contrato com João Dias desde 20 de setembro de 1915, por meio da lei 714, e após expor as dificuldades existentes na região para o cumprimento do referido acordo e as minúcias da concessão que fora prorrogada, Dom Aquino finaliza em tom poético:

De facto, em 15 de Agosto próximo findo, após nova prorrogação, por motivos de força maior, a illuminação electrica, que já funcionára perfeitamente por mais de 15 dias, nas principaes ruas da Capital, foi official e solennemente inaugurada, por entre o mais franco entusiasmo da alma cuiabana, que nella reconhece um dos mais importantes melhoramentos commemorativos do bicentenário da nossa vida política. Praza aos céos que a nova luz signifique uma alvorada bonançosa de progresso e bem estar para esta velha cidade histórica de Miguel Sutil! (MENSAGEM Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, 1919, p. 88).

No ano seguinte, dirigindo-se à Assembléia Legislativa, Dom Aquino refere-se à limitação da produção de energia diante da demanda existente, uma vez que essa era feita a partir de uma caldeira que funcionava como uma usina termo-elétrica. Em seu relatório, o Presidente do Estado mais uma vez mostra-se simpático ao empreendimento de João Dias, estabelecendo com este o contrato para a montagem de uma usina hidráulica no salto do Rio da Casca. Finaliza o relatório na parte que concerne à iluminação enfatizando que “o Governo tem amparado de maneira a mais benévola, esta Empreza, dada a sua grande importancia e as notórias condições locaes, que enormemente a difficultam (MENSAGEM Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, 1920, p. 109).

No entanto, a partir dos relatórios de Presidente de Estado dirigidos à Assembléia Legislativa nos anos de 1922, 1923 e 1924, isso durante o governo do Cel. Pedro Celestino Corrêa da Costa, o tom em relação ao serviço prestado torna-se cada vez mais queixoso. As reclamações são no sentido de que a empresa de energia elétrica não vem prestando um



serviço proporcional à subvenção que essa recebe do Estado, que sua capacidade geradora é insuficiente para se atender a demanda e que essa só se mantinha em funcionamento por total condescendência do Governo anterior.

Após essas insistentes alegações de precariedade no fornecimento de energia, o Governo rescinde o contrato de concessão. A título de indenização, o Estado paga a quantia de 300 contos de réis, sendo 226 em dinheiro e 74 em apólices, ficando assim estatizado o empreendimento de João Dias (MENSAGEM DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA, 1924, p. 64-65).

Como consequência desses fatos, desgostoso com o que foi denominado por ele de perseguições religiosas e políticas, mudou-se o empresário com sua família para Chapada dos Guimarães (MENDONÇA, 1973). Lá veio a construir a primeira casa de alvenaria na localidade, introduziu o cultivo de café na região e foi o primeiro a ali chegar com um caminhão.

Comentando ainda sobre a trajetória de João Dias, o Senador Villas-Boas (apud Mendonça, 1973) refere-se a esse imigrante nordestino como alguém que teve uma “formidável folha de reais serviços prestados a Cuiabá” e que o máximo que veio a receber de um povo a quem tanto beneficiou, foi “ter o seu nome gravado em placa vulgar, nominativa de modesta travessa dessa urbs”. Finaliza ainda o senador:

Não seria essa placa, nem mesmo uma estátua que a Municipalidade lhe fizesse erigir na sua praça mais importante, que o iria galardoar pela grandiosidade do amor que dedicou a essa terra e a sua gente, sem visar vantagens materiais, nem mesmo a recompensa moral da mais comezinha gratidão”.

Finalizando essas considerações, lembra Rúbens de Mendonça (1973) que o nome João Dias é quase esquecido e que nesse caso vale a expressão do historiador Estevão de Mendonça: “morre para sempre quem morre em Cuiabá”.

Em termos políticos e comerciais fica evidente que as áreas nas quais foram realizados os empreendimentos de João Dias eram estratégicas. O controle da comunicação e da energia elétrica nas mãos de uma pessoa, em uma cidade que visava o crescimento, certamente significaria, em um curto espaço de tempo, uma visível concentração de poder econômico e político. Levando-se em consideração que, neste episódio, tratava-se de um imigrante nordestino, protestante, sem vínculos familiares com as oligarquias tradicionais da região, esse acúmulo de poder e prestígio social não seriam convenientes para os mandantes da política e comércio locais.

Outro fator a ser considerado é que, Ruth Dias, filha de João Dias, casa-se em 1925 com João Paes de Barros, filho de Antônio Paes de Barros, proprietário de uma Empresa de



Navegação e irmão de Totó Paes de Barros (BARROS, 1999). Certamente esse parentesco da família Dias com a família Paes de Barros, protagonista de grandes conflitos políticos na primeira década do século XX, teve seus desdobramentos sociais e políticos.

Quanto à importância do empresário para o protestantismo local, essa se dá também pelo fato de que ele, antes da chegada definitiva dos missionários presbiterianos, esteve à frente do pequeno grupo de evangélicos na condução de seus cultos semanais. Ainda que esse trabalho não tenha sido suficiente para fazer convertidos, serviu como base para as atividades que futuramente seriam desenvolvidas pelos missionários presbiterianos. Tal a importância dessa persistência à frente desse diminuto grupo, que Landes (1958, p. 2) escreve a respeito de João Dias, afirmando que ele “contribuiu generosamente com o seu tempo e dinheiro para a realização da obra. Planejava, financiava e executava tudo que era necessário. A ele a Igreja deve imorredoura gratidão”.

Esse testemunho de Landes justifica-se porque até a compra do terreno e a construção do primeiro templo evangélico teve a participação direta do patriarca, pois ficou ele responsável por saldar o empréstimo contraído pela nova igreja no valor de dez contos de réis, junto a Missão Sul do Brasil (PRIMEIRO LIVRO DE ACTAS DA ASSEMBLÉIA DA IGREJA, 09 de dezembro de 1920, p. 1).

Velhos tempos, novas ideias

Em seu livro *A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã*, John H. Leith reserva um capítulo para descrever o “ethos” protestante. Neste capítulo, o autor faz uma análise de como as convicções teológicas dos herdeiros da reforma se manifestam em termos práticos, ou seja, o que significa ser um cristão reformado no dia a dia.

Enumera, então Leith (1996, pp. 110-131), alguns dos princípios que caracterizam o pensamento e a prática protestante: a firme convicção de que a glória de Deus deve ser buscada em primeiro lugar por toda criatura; a constante vigilância contra qualquer tipo de idolatria; que Deus é o criador, governador, senhor da história e da natureza, o que implica na construção de uma sociedade de acordo com esse princípio; uma conduta ética e moral segundo as premissas bíblicas; a valorização da educação e a disciplina intelectual; o ensino sistemático e expositivo da Bíblia; a organização institucional da igreja e o trabalho pastoral na cura das almas; a vida disciplinada como meio de autocontrole, de aumento da



produtividade no trabalho e de se obter o melhor da vida; por fim, a simplicidade e modéstia no modo de viver.

Tais princípios ficariam evidentes nas atividades que os missionários presbiterianos realizavam em Cuiabá. Uma vez que eles traziam tanto em suas prédicas quanto em sua ética a tradição reformada, é natural que esses utilizassem de todas as estratégias possíveis para disseminar o seu modo de ver e entender o mundo. Logo, suas atividades não se restringiriam apenas aos momentos de culto, mas buscariam também se inserir em outros espaços sociais, mesmo porque, segundo o pensamento reformado, inexistia diferença entre o secular e o sagrado.

Um desses espaços de inserção foi o intelectual, onde se buscou contribuir para a transformação e construção da sociedade cuiabana no campo das ideias. Aproveitando-se da oportunidade, o próprio Landes, a convite do Governo, lecionou inglês no Liceu cuiabano, o que em suas palavras, lhe “proporcionou oportunidades para entrar em contato com alguns dos intelectuais da alta sociedade cuiabana” (LANDES, 1958).

Em outra ocasião, a Missão Sul do Brasil funda na cidade, em 1917, uma escola primária evangélica, sendo esta dirigida pela Dona Mand Landes, irmã de Landes (1958). Segundo Cabral (2000, p. 05), as próprias sobrinhas do Governador do Estado, Gal. Caetano Manoel de Faria e Albuquerque, tornaram-se alunas dessa escola, onde também recebiam aulas de inglês e lições bíblicas.

Posteriormente, essa escola vem a ser o Colégio do Buriti, na Chapada dos Guimarães, ocupando ali uma área de 24 milhas quadradas, compradas pela Missão Sul do Brasil por quatro mil dólares. O objetivo era reproduzir em Mato Grosso a experiência do Instituto Cristão de Castro, escola profissionalizante agrícola fundada pela mesma missão alguns anos antes no estado do Paraná. O alvo do empreendimento era ter no local, além do evangelista-pastor, o educador, o agrônomo e o médico. Foram alunos desta escola filhos de personalidades políticas da época.

A imprensa escrita foi mais um espaço em que os protestantes se fizeram presentes em Cuiabá. Esse meio de comunicação serviu tanto para difundir os valores da fé reformada quanto para ser um canal de respostas às matérias publicadas no periódico católico da época, o jornal *A Cruz*.

Este periódico veiculou sistematicamente matérias sobre os protestantes e o protestantismo. De 1915 ao início da década de 1920 são diversas as matérias emitindo opiniões sobre a nova vertente cristã que chegava à cidade, além de realçar as diferenças



doutrinárias entre o catolicismo e o protestantismo. Analisando esses debates por meio dos periódicos, Santos entende (2006, p. 122) que:

[...] não é somente pelo prazer de um exotismo, hoje arqueológico, que estas histórias nos despertam tanto interesse e encantamento, mas pelo que elas nos ensinam relativamente ao sucesso da propaganda protestante e ao fracasso da defensiva católica - sem falar de sua contribuição para os estudos da mentalidade destes homens que também existiam na Europa de outros tempos. Inteligente e intelectualista (o que se pode ser sem ser intelectual), com necessidades espirituais mal-satisfeitas, o povo brasileiro era extremamente sensível à argumentação e à controvérsia, especialmente quando, como era de costume, se apelasse para a sua inteligência.

A análise acima coincide com o que ocorreu em Cuiabá, ou seja, o debate iniciado pelo jornal *A Cruz* não foi suficiente para impedir a consolidação protestante, aliás, como também foi ineficaz contra o avanço do espiritismo, da maçonaria e do liberalismo.

Em sua edição do dia 27/06/1920, o jornal *A Cruz* procurava associar o protestantismo com a “propaganda yankee”. Provavelmente ecos da posição assumida por Dom Carlos em sua conferência com o título de “Imperialismo e Protestantismo” (CORRÊA FILHO, 1994, p. 668), procurando assim identificar os americanos presentes em Cuiabá muito mais como homens a serviço do governo norte-americano do que missionários protestantes.

Interessante também é a tática adotada pelo jornal para combater a doutrina protestante. Ao invés de se fazer longos estudos teológicos, foram feitas pequenas tiras que periodicamente eram publicadas. Os títulos são bem sugestivos: *Uma por semana; Rebatendo; Doutrina religiosa; A Moral Protestante; A Gandaia por entre os Aranzais do Protestante; Mixórdia Protestante; Ainda mais Protestantes; A Falsidade do Protestantismo*. Este último título publicado em 28 edições, de 08 de setembro de 1918 a 20 de abril de 1919. Segue-se, porém, que nos anos seguintes, este debate paulatinamente perde a sua força, o que leva a crer que o protestantismo passou a ser visto como elemento já participante do cenário social e religioso de Cuiabá.

Por sua vez, inaugurado em 1926, sob a redação de José Nonato de Faria, o jornal protestante, *A Penna Evangélica* veiculou durante quase uma década opiniões sobre doutrina, economia, política, moral e comportamento social, dando ressonância assim à pregação dos missionários protestantes. A redação de *A Penna Evangélica* ficava a cargo do jornalista José Nonato de Faria e tinha como gerente o dentista José Henrique Verlangieri (CABRAL, 2000, p. 06).

Nas questões éticas, morais e políticas sustentadas pelo jornal, observa-se um posicionamento nítido contra o grupo político que derrubou Totó Paes de Barros em 1906,

pois num artigo em que se combatia a instalação das casas lotéricas no Estado, o redator identifica este grupo com o mesmo que pressionava o governo a ceder tal instalação. O alerta do redator é que:

[...] foram desses amigos que levaram o coronel Antonio Paes de Barros, aquelle grande industrial, aquelle espírito yankee, aquelle homem fadado a levantar bem alto o nome de Matto-Grosso, pelo desenvolvimento de todas as suas fontes productivas, a praticar actos de desatinos que o conduziram aquelle desfecho trágico que todos nós mattogrossenses lamentamos (FARIA, 1926).

Aliás, são diversos os artigos contra os jogos de azar e a instalação de casas lotéricas no Estado. Este é mais um ponto que reflete a ética protestante em relação à primazia do trabalho como a genuína fonte de acúmulo de riquezas. Na mesma tiragem citada anteriormente, o periódico ainda traz a seguinte afirmação:

Dentre todos os vícios, que deprimem o caracter de grande parte do nosso povo, tem preeminência o do jogo. Joga-se em toda a parte, e, desde o tempo do Império, o governo autoriza e de certo modo co-honesta a loteria. [...] Assim permitido e acoroçoado o jogo, perde o povo a noção de sua immoralidade. [...] Não é acaso o jogo o mais pernicioso dos vícios? Não é elle o inimigo nato do trabalho [...]? O jogo illude com a possibilidade da fortuna sem trabalho [...] (FARIA, 16/08/1926, nº 31).

Outro interessante posicionamento político por parte da redação do jornal é a sua defesa à autonomia dos municípios num debate que tinha como foco a questão da eleição direta dos governadores de Estado pelos munícipes (no. 43 de 16 de fevereiro de 1927; no. 44 02 de abril de 1927). A postura adotada pelo jornal é nitidamente republicana, muito mais à semelhança dos EUA, com a máxima descentralização do governo. Inclusive, o jornal cita repetidas vezes a Constituição Brasileira neste debate.

Em termos morais o jornal sustenta uma conduta austera, típica do protestantismo missionário americano, com características puritanas e calvinistas. Um exemplo pode ser tirado do exemplar do dia 16 de junho de 1927, nº. 51, onde o *Cabaret* é veementemente condenado.

Foi há pouco tempo inaugurado, nesta capital, nas proximidades da cadeia, um *cabaret* com todos os requisitos de tudo o que há de mais immoral e pernicioso, especialmente para a mocidade. Segundo informações que nos foram dadas, há ali desde a jogatina desenfreada, as bebedeiras, as desordens, as mulheres de vida airosa que são exibidas nuas em salas separadas [...] (FARIA, 1927).

Nem mesmo as touradas eram poupadas. Descritas como espetáculos selvagens, que maltratam tanto os animais quanto homens “embrutecidos e inconscientes do papel ridículo e



triste” que fazem. Ironicamente também era criticada a “fina e culta sociedade” que patrocinava esses eventos (número 51, 16 de junho de 1927).

A exigência moral da pequena comunidade protestante pode ser observada por meio dos registros nas atas da sessão da igreja, onde em algumas situações, membros da Igreja são convocados a comparecerem à reunião da Assembleia Geral a fim de darem explicações quanto às acusações de quebra do sétimo mandamento (adultério); frequência a bailes ou mesmo qualquer conduta que seja julgada inconveniente para um cristão e que traga mau testemunho à Igreja Presbiteriana e ao evangelho.

Outro ponto que se destaca bem na linha editorial do *A Penna Evangélica* é a defesa constante de um Estado laico, questão fundamental para a própria subsistência da nova igreja. Na tiragem de 16 de julho de 1927, nº 54, sob o título *Separação dos Poderes*, o editor escreve que:

[...] um dos grandes princípios propagado e defendido pelo protestantismo, e combatido pelo romanismo, é o da separação de Igreja e Estado. A Igreja Romana procura subvenções e auxílios do Governo, porém, a Igreja Evangélica rejeita-os. O protestantismo defende o princípio constitucional da completa separação da Igreja e do Estado. As esferas de acção da Igreja e do Estado são perfeitamente distintas e separadas, assim como também as esferas de acção do Estado e da Família (FARIA, 1927).

No jornal não faltam opiniões sobre administração pública, política, educação, questões doutrinárias, enfim, tudo aquilo que diz respeito ao cotidiano do cuiabano no início do século XX. Outra característica que chama atenção no periódico é a construção dos seus textos e seu estilo redacional, o que demonstra profissionalismo, além de uma linha filosófica de argumentação que transparece a sintonia com o pensamento liberal do final do século XIX. Logo, observa-se que o protestantismo e os protestantes também estiveram presentes na construção das ideias em Cuiabá no início do século XX, seja inserindo-se tanto na área educacional quanto na imprensa.

Considerações finais

Conclui-se, então, que o protestantismo se inseriu em Cuiabá a partir de uma estratégia bem elaborada pelos missionários norte-americanos, sobretudo os presbiterianos. Esta inserção alcançou contornos políticos e sociais, influenciando inclusive no aspecto econômico e no próprio desenvolvimento da cidade. Inserção esta que também pode ser observada no plano intelectual, seja por meio da educação, como por meio da imprensa. Ou seja, os



protestantes fizeram parte da composição, transformação social e cultural de Cuiabá no início na Primeira República.

Esses elementos, ainda não sejam os únicos, em alguma medida ajudam na compreensão da sociedade cuiabana em particular e da brasileira em geral. Quais as raízes dos seus valores morais e culturais e de que modo ou em que profundidade eles acabam por influenciar o posicionamento e comportamento de significativa parte da população nas mais diversas esferas sociais e políticas.

REFERÊNCIAS

FONTES

Manuscritos

BROWNE, Paulina Landes. **Rev. Philippe Sheeder Landes**. Ohio, 1988. Breve descrição biográfica. Acervo da Igreja Presbiteriana de Cuiabá.

DIAS, João Alberto. **Esboço histórico da 1ª Igreja Presbiteriana de Cuiabá** (não publicado), Cuiabá, 1958. Acervo do Instituto Bíblico Augusto Araújo - IBAA

LANDES, Philippe. **Resumo histórico do trabalho presbiteriano em Mato Grosso**. Cuiabá, 1958. (Compilado pelo Presbitério de Cuiabá em 2003 em razão da comemoração dos 90 anos do presbiterianismo no Estado). Acervo do Presbitério de Cuiabá.

Impressos e atas

CABRAL, José de Brito. **Bandeirantes da fé em Mato Grosso**. Cuiabá, material não publicado, 2000. Acervo da Igreja Presbiteriana de Cuiabá.

CENTENÁRIO DO JORNALISTA JOÃO PAES DE BARROS. Escrito por seus filhos. Cuiabá, maio de 1999. Acervo pessoal da Família Paes de Barros.

IGREJA PRESBITERIANA DE CUIABÁ. **Boletim Informativo**. No. 1189, Ano XVII, Cuiabá, 14 de outubro de 1990.

GALVÃO, Rizzo Lopes. **História da Acácia Cuiabana**. Cuiabá, 2005. Disponível em: <<http://www.acaciacuiabana.org.br/historia/historia.pdf>> Acesso em: 25/07/2009.

MENDONÇA, Rubens. **João Dias**. Cuiabá, 25 de março de 1973. Recorte de jornal, acervo particular da Família Paes de Barros.

LIVRO DE ATAS DA MEZA ADMINISTRATIVA DA PRIMEIRA EGREJA PRESBYTERIANA DE CUYABÁ (1920-1934). Acervo da Igreja Presbiteriana de Cuiabá.



LIVRO DE ATAS DA ASSEMBLÉIA GERAL DA PRIMEIRA EGREJA PRESBYTERIANA DE CUYABÁ EGREJA PRESBYTERIANA DE CUYABÁ (1920-1933). Acervo da Igreja Presbiteriana de Cuiabá.

MINUTE CENTRAL BRAZIL MISSION 1912. Ponte Nova, Bahia, 1912. Acervo pessoal do Rev. Alderi de Souza Matos

Periódicos

FARIA, João Nonato. “O caso da loteria”. In: **A Penna Evangélica**. Cuiabá, número 31, 16/08/1926.

_____. “Autonomia dos Municípios”. In: **A Penna Evangélica**. Cuiabá, número 43, 16/02/1927.

_____. “Autonomia dos Municípios”. In: **A Penna Evangélica**. Cuiabá, número 44, 02/04/1927.

_____. “Cabaret”. In: **A Penna Evangélica**. Cuiabá, número 51, 16/06/1927.

_____. “Touradas”. In: **A Penna Evangélica**. Cuiabá, número 51, 16/06/1927.

_____. “Separação dos Poderes”. In: **A Penna Evangélica**. Cuiabá, número 54, 16/07/1927.

“Fundação da sociedade internacional de estudos científicos”. In: **O Debate**. Cuiabá, número 671, 10/01/1914.

“Notícias do Campo”. In: **O Puritano**. Rio de Janeiro, número 1127, pp. 5-6, 20/10/1912.

Relatório de presidentes de Província e de Estado

CORRÊA, Francisco Aquino. **Mensagem do Presidente do Estado de Matto-Grso dirigida á Assembléia legislativa ao instalar-se em 07 de setembro de 1919**. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u472/000081.html>> Acesso em 05.07.2009.

_____. **Mensagem do Presidente do Estado de Matto-Grosso dirigida á Assembléia Legislativa ao instalar-se a sua 3ª reunião ordinária da 11ª legislatura, em 07 de setembro de 1920**. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u473/000002.html>> Acesso em 05.07.2009.

COSTA, Pedro Celestino Corrêa da. **Mensagem do Presidente do Estado de Matto-Grosso dirigida a Assembléia Legislativa ao instalar-se a sua 2ª sessão ordinária da 12ª Legislatura, em 13 de maio de 1922**. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u475/000071.html>> Acesso em 05.07.2009.



_____. **Mensagem do Presidente do Estado de Matto-Grosso dirigida a Assembléia Legislativa em 21 de maio de 1923.** Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u476/000094.html>> Acesso em 06.07.2009.

_____. **Mensagem do Presidente do Estado de Matto-Grosso dirigida a Assembléia Legislativa em 13 de maio de 1924.** Cuyabá, typographia Official, 1924. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u477/000065.html>> Acesso em 06.07.2009

Bibliografia

CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso.** Coleção Memórias Históricas, vol. 4. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994.

GALETTI, Lyliá da Silva Guedes. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso.** Tese (Doutorado em História), 2000. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LEITH, John H. **A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã.** Tradução Eduardo Galasso Faria e Gerson Correia de Lacerda. São Paulo: Pendão Real, 1996.

MAGALHÃES, Erásio César Pereira. **Os primeiros passos do protestantismo em Mato Grosso.** Cuiabá: Projeto de pesquisa apresentado ao departamento de História da UFMT, para obtenção do título de Bacharel em História, 1998.

MACIEL, Laura Antunes. **A capital de Mato Grosso.** 1992, 174 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, 1992.

PÓVOAS, Lenine. **História Geral de Mato Grosso: da Proclamação da República aos dias atuais.** Volume 02. Cuiabá: L. C. Povoas, 1996.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira.** São Luís: EDUFMA; São Paulo: ABHR, 2006.

